



Serguei Lavrov, chanceler russo, afirma que negociações de paz com o governo de Volodymyr Zelensky "não fazem sentido" e sinaliza com ocupação permanente de outras áreas além de Donbass. Kiev pede reforço de sanções e mais armas

RÚSSIA PLANEJA ANEXAR REGIÕES DA UCRÂNIA

» RODRIGO CRAVEIRO

Se havia alguma esperança de paz próxima para o conflito na Ucrânia, ela se esvaneceu após as últimas declarações de Serguei Lavrov, ministro das Relações Exteriores da Rússia. "Eles (diálogos de paz) simplesmente não serão capazes de articular nada que mereceria a atenção séria de pessoas sérias", afirmou à agência France-Press. "Não fazem nenhum sentido na atual situação." Mas foi outra declaração de Lavrov que tem o potencial de preocupar a comunidade internacional. Em discurso televisionado, Lavrov anunciou que Moscou planeja ocupar permanentemente amplas áreas do sul da Ucrânia, em um aceno de novas anexações do território ucraniano por parte da Rússia — em 2014, as forças do presidente Vladimir Putin haviam anexado a Península da Crimeia.

"Agora, a geografia é diferente. Não se trata apenas de Donetsk e Luhansk. É Kherson, Zaporizhzhia e um número de outros territórios. Isso é um processo em andamento, consistente e inexistente", anunciou Lavrov. John Kirby, porta-voz do Conselho de Segurança Nacional dos Estados Unidos, disse acreditar que as primeiras anexações possam ocorrer em setembro, quando a Ucrânia realizará eleições regionais. "A Rússia começa a lançar uma versão do que poderia chamar um 'manual de anexação', muito similar ao que vimos em 2014", advertiu. "O governo russo revisa planos detalhados para supostamente anexar um número de regiões na Ucrânia, incluindo Kherson, Zaporizhzhia, toda a região de Donetsk e Luhansk."

Para Olexiy Haran, professor de política comparativa da Universidade Nacional de Kiev-Mohyla, as declarações de Lavrov são "uma clara demonstração de que a Rússia é o poder agressor". "Ela quer conquistar partes de um Estado vizinho e deveria ser

John Thys/AFP



Pai segura a mão do filho, de 13 anos, morto durante ataque com mísseis em Kharkiv, a segunda maior cidade ucraniana: retrato do horror



Agora, a geografia é diferente. Não se trata apenas de Donetsk e Luhansk. É Kherson, Zaporizhzhia e outros territórios"

Serguei Lavrov, chanceler russo

"A Rússia rejeita a diplomacia e se concentra na guerra e no terror"

Dmytro Kuleba, chanceler ucraniano

totalmente denunciada pela comunidade internacional por isso. Lavrov está revisando os planos da guerra", afirmou ao **Correio**. "Vale lembrar que, no início da guerra, o Kremlin havia anunciado o que chamou de 'operação militar especial' para liberar Donbass (leste) e para derrubar o presidente Volodymyr Zelensky. Isso fracassou. Foi então que decidiram continuar a 'liberar' o Donbass. Agora, Lavrov está expandindo a agressão russa."

Ainda segundo Haran, as autoridades russas estão apontando "governos" nas partes ocupadas de Kherson e de Zaporizhzhia. "Esses governos são liderados por cidadãos russos vindos da Rússia. Em vez de ocultar seus planos, a Rússia divulga suas intenções", ironizou. "É como Adolf Hitler fez. Primeiro, ele disse que defenderia os direitos

dos alemães sobre a Tchecoslováquia; depois, capturou e dividiu aquele país. Então, mirou a Polônia e a França."

Ao **Correio**, o encarregado de negócios da Embaixada da Ucrânia em Brasília, Anatoly Tkach, lembrou que seu país sempre tratou a ofensiva russa como uma "guerra de expansão". "As confissões do ministro das Relações Exteriores da Federação Russa sobre os sonhos de conquistar mais terras ucranianas provam que a Rússia segue focada na guerra e no terror. A Ucrânia precisa continuar a se defender", declarou.

Pedido

"Os russos querem sangue, não negociações. Peço aos parceiros que endureçam as sanções contra a Rússia e acelerem as entregas de armas à Ucrânia",

desabafou Dmytro Kuleba, ministro ucraniano das Relações Exteriores. O pedido foi em resposta à desqualificação do processo de paz, por parte de Lavrov, e ao anúncio do chanceler russo de que a guerra não se concentraria "apenas" no leste. "A confissão do ministro russo das Relações Exteriores de seu sonho de se apoderar de mais terras ucranianas mostra que a Rússia rejeita a diplomacia e se concentra na guerra e no terror."

A Rússia manteve os bombardeios no leste e no sul da Ucrânia. Mísseis caíram sobre o Donbass. Em Kramatorsk, cidade de 157 mil habitantes que está na mira da ocupação russa, uma pessoa morreu. Em Kharkiv, no leste, um garoto de 13 anos morreu depois que um míssil destruiu uma mesquita e estilhaços atingiram o ponto de ônibus em que ele estava.

Racionamento como resposta

A União Europeia defendeu, ontem, um racionamento do uso de gás, ao denunciar que a Rússia utiliza o combustível como instrumento para chantagem. Ao anunciar um plano para assegurar o fornecimento de gás durante o inverno no continente, a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, admitiu que, pela primeira vez, os 27 países-membros do bloco se veem obrigados a tratar da segurança energética. Sem meias palavras, afirmou: "A Rússia está nos chantageando, a Rússia está usando a energia como arma". De acordo com ela, 12 Estados do bloco foram atingidos por um corte parcial ou total no suprimento de gás russo. "Pedimos aos países-membros que reduzam em 15% o consumo de gás. Quanto mais rápido agirmos, mais economizaremos e mais seguros estaremos", advertiu.

Ex-embaixador dos EUA na Polónia e especialista do Atlantic Council (em Washington), Daniel Fried afirmou ao **Correio** que os europeus tentam lidar com a realidade de que Moscou utiliza o gás como arma política. "A União Europeia precisa desenvolver uma política e uma prática de solidariedade energética. As consequências do erro de julgamento da Alemanha sobre a política energética recaem sobre todos os países." Fried concorda com a acusação de chantagem feita por Von der Leyen e cita que a UE está paralisada no momento. "As alternativas ao gás natural russo existem, mas são inadequadas. Será preciso reforçar as atuais sanções e encontrar meios de limitar os lucros obtidas pela Rússia com as vendas de petróleo." (RC)

REINO UNIDO

Dois candidatos disputam vaga de premiê

De um lado, Rishi Sunak, 42 anos, britânico de ascendência indiana, ex-ministro das Finanças, formado em política, filosofia e economia pela renomada Universidade de Oxford. De outro, Liz Truss, 46, ministra das Relações Exteriores desde 2021 e ex-ministra da Justiça; graduada em filosofia, política e economia pelo Merton College. Um deles será o próximo líder do Partido Conservador e, por consequência, premiê do Reino Unido. Na votação entre os parlamentares para a escolha dos dois candidatos finais ao posto de chefe de governo, Sunak contou com 137 votos contra 113 para Truss. A ministra do Comércio Exterior, Penny Mourdin, obteve 105 votos e acabou eliminada. Os dois disputarão os votos por

correspondência dos 200 mil integrantes do Partido Conservador. O nome do novo primeiro-ministro deverá ser referendado em 5 de setembro.

Em entrevista ao **Correio**, Anthony Glee, professor emérito da Universidade de Buckingham, disse acreditar que Sunak seria melhor para o Reino Unido do que Truss. "Enquanto Sunak é de centro-direita, Truss é de uma direita dura. Sunak entende que a inflação deve ser contida, enquanto Truss diz que os impostos precisam ser reduzidos, o que significa mais dinheiro na economia e mais empréstimos. Isso significaria aumentar a inflação."

Segundo Glee, Sunak sempre acreditou no Brexit — o divórcio entre o Reino Unido e a União Europeia —, mas percebe que a

economia britânica deve evitar ainda mais atritos com o bloco. "Truss queria que o Reino Unido permanecesse na UE, mas, como o premiê demissionário Boris Johnson, assimilou a pressão dos parlamentares. Tanto Sunak quanto Truss eram seguidores servis de Johnson. No entanto, Sunak teve que renunciar, não por causa da política do governo, mas devido à própria personalidade de Johnson", observou.

Apesar de citar Sunak como a melhor opção, Glee acha que Truss será a escolhida. Ele duvida que os 180 mil integrantes do Partido Conservador votem em um milionário hindu de ascendência indiana e lembra que a esposa de Sunak, Akshata Murty, é mais rica do que a rainha Elizabeth II. "As pesquisas apontam

uma vitória de Truss. Ela é a candidata da continuidade ao governo de Boris Johnson. O caos induzido pelo Brexit continuará a moldar a política do Reino Unido até as eleições gerais", concluiu Glee.

Pragmatismo

Professor de política da Universidade de Manchester, Nick Turnbull lembrou à reportagem que Sunak se apresenta como pragmático, como uma opção mais palatável para o atual momento do Reino Unido, além de destacar o seu histórico como ministro das Finanças. "Mas ser premiê é mais do que apenas gerenciar a economia. Ele afirma ser o melhor colocado para vencer a eleição, mas acho difícil que

Isabel Infantes/AFP



A chanceler Liz Truss, 46 anos, é a favorita, segundo as pesquisas

Hannah McKay/AFP



O ex-ministro das Finanças Rishi Sunak, 42: nome da centro-direita

seja visto como muito popular entre eleitores não alinhados."

De acordo com Turnbull, Truss se coloca como Thatcherista, adepta de um governo reduzido e de impostos mais baixos. "Isso não é algo convincente, e apenas agrada aos membros do

Partido Conservador. Enquanto Sunak é mais popular entre os parlamentares, Truss detém a preferência dos integrantes do Partido Conservador. Os dois esperam recuperar confiança da classe média, mas as condições são terrivelmente difíceis." (RC)